



DESENVOLVIMENTO RURAL INTERDISCIPLINAR

O (RE)DESPERTAR DA VIDA COMUNITÁRIA POR MEIO DA MEMÓRIA DOS ANTEPASSADOS: O CASO DA COMUNIDADE RURAL DE LINHA ACRE – CÂNDIDO GODÓI (RS)

The (re)awakening of community life by means of the ancestors' memory: the case of the Linha Acre rural community - Cândido Godói (RS)

Rejane Inês Kieling¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo principal compreender como a memória presente no cotidiano de famílias e comunidades do meio rural pode ser um importante elemento na recuperação de significados e valores simbólicos associados ao modo de vida dos antepassados que foram sendo negligenciados com a introdução paulatina, no seio de comunidades rurais, de hábitos e costumes mais próximos ao modo de vida urbano. Nesse sentido, o referencial teórico utilizado esteve pautado, primeiramente, no entendimento do fenômeno associado ao desaparecimento do rural e à presença de um comportamento híbrido, percebido pela presença de características tanto do *homo economicus* como do *homo moralis*. Na sequência, buscou-se apoio na literatura de autores que se debruçam sobre a compreensão da memória como o elo entre o passado e o presente que é capaz de modificar o futuro. A pesquisa foi realizada com moradores da comunidade rural de Linha Acre, pertencente ao município de Cândido Godói-RS, que faz parte da região da Grande Santa Rosa, considerada o berço nacional da soja. Como metodologia, foi usada a história de vida, com a coleta, durante dois anos de convívio nessa comunidade, de relatos orais de 24 moradores, divididos em três grupos específicos: idosos, produtores tradicionais e produtores tradicionais que fazem parte do grupo de orgânicos. Nas observações e nos relatos orais dos entrevistados, foi possível concluir que, na forma como a comunidade pesquisada configura sua memória coletiva, existe a presença de *campesinidades*, identificadas pela manutenção de um modo de vida com hábitos e costumes dos antepassados, o que se verifica tanto em atividades como festas, jogos, objetos, entre outros, quanto no grupo de produção orgânica, em que foram relatadas práticas que envolvem *saberes* dos antepassados e de revitalização do convívio comunitário.

¹ Doutora em Desenvolvimento Regional. Professora nas disciplinas de Fundamentos de Economia e Metodologia de Pesquisa - na graduação e pós-graduação na ESCOOP. Endereço Eletrônico: rejanekielsing@hotmail.com

Palavras-chave: Memória individual e coletiva. *Campesinidades*. Vida comunitária.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to understand how the memory present in everyday life of rural families and communities may be an important element in retrieving symbolic meanings and values associated with the way of life of their ancestors, which have been neglected while habits and customs close to those of the urban way of life were gradually introduced into the life of said rural communities. In this regard, the theoretical framework used was based above all on the understanding of the phenomenon associated with the disappearance of the rural and the presence of a hybrid behavior perceived by the presence of the characteristics of both *homo economicus* and *homo moralis*. Then, the literature of the authors focused on understanding the memory as a link between the past and the present which is capable of modifying the future was examined. The survey was carried out among the residents from the rural community of Linha Acre that belongs to the municipality of Cândido Godói-RS which is part of the Greater Santa Rosa considered as the birthplace of national soybean agriculture. The life history method was used and oral accounts of 24 residents divided into three specific groups: the elderly, traditional producers, and traditional producers who are part of the group of organic producers were collected over 2 years of interaction with this community. The observations and oral accounts allowed concluding that there are peasantries identified by the preservation of a way of life with habits and customs of the ancestors in the manner in which the researched community configures its collective memory, which is verified both in such activities as games, objects, among others, and in the group of organic producers in which the practices involving the knowledge of the ancestors and community revitalization were reported.

Key Words: Individual and collective memory. Peasantry. Community Life.

1. INTRODUÇÃO

A comunidade rural de Linha Acre, pertencente ao município de Cândido Godói (RS) e situada na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, tem sua origem associada ao deslocamento dos imigrantes alemães que saíram das “colônias velhas” em direção ao Noroeste do estado ajudados por agências colonizadoras que procuraram dividir os lotes de terra de acordo com a origem étnica desses imigrantes, bem como a partir de sua religião, atendendo aos objetivos de homogeneização cultural dessas comunidades.

A comunidade pesquisada pode ser considerada um caso típico de localidades sustentadas na agricultura familiar que passaram e estão passando por profundas transformações decorrentes do processo de modernização da agricultura. Essas transformações extrapolam questões puramente econômicas e adentram em âmbitos mais profundos, vinculados ao cotidiano das famílias e da comunidade como um todo.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo central apresentar uma reflexão no que diz respeito às mudanças

em termos da importância da vida comunitária na localidade estudada decorrentes das alterações de comportamento dos atores sociais que se manifestam no ambiente coletivo devido ao processo de modernização da agricultura.

Tendo como premissa que a memória dos antepassados possa ser revivificada por meio de práticas observadas no cotidiano das famílias e da comunidade e estimuladas em projetos de produção orgânica como o que está em andamento nessa localidade, o eixo norteador desta reflexão está pautado no entendimento de que a memória coloca-se como um importante elemento de reconstrução de vivências comunitárias pela sua capacidade de, ao trazer o passado para o presente, poder ampliar o ângulo de visão desses atores sociais sobre o território a que pertencem, capacitando-os a buscar alternativas alicerçadas na compreensão de que essas devam ser construídas a partir de ações do tipo *down-up*.

A pesquisa junto à comunidade rural de Linha Acre foi realizada durante os anos de 2016 e 2017 em períodos de convívio com os moradores nos quais foi possível captar as sutilezas que envolvem a identificação do modo de vida dos

antepassados presente nas manifestações da memória individual e coletiva dessa comunidade. Para os registros mnemônicos dos entrevistados, bem como suas percepções sobre as transformações da vida comunitária, a história de vida foi utilizada como metodologia. Como técnica para coleta de dados, para a obtenção dos relatos orais, foi utilizada a história oral, com o auxílio de questões norteadoras.

Ao longo do período destinado à coleta de dados, foram realizadas visitas à comunidade estudada, totalizando 24 entrevistas divididas em três públicos de interesse: idosos, produtores tradicionais e produtores tradicionais que fazem parte do grupo de produção orgânica desenvolvido pela Emater/RS-Ascar². Os produtores tradicionais, separados em grupo específico de análise, são indivíduos que não fazem parte do projeto de orgânicos, e o grupo específico denominado tradicional/orgânico é composto por produtores que exercem as duas formas de

² Para fins de apresentação dos relatos orais, os entrevistados foram classificados da seguinte forma: IDOSO(A), divididos conforme classificação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – Grupo 1: idosos jovens, pessoas que têm entre 60 e 70 anos de idade; Grupo 2: medianamente idosos, pessoas a partir de 70 até 80 anos de idade; e Grupo 3: muito idosos, acima de 80 anos; TRADICIONAL (agricultores que se dedicam exclusivamente à produção de grãos e leite) e TRADICIONAL/ORGÂNICO (agricultores que se dedicam à produção de grãos e leite, mas fazem parte do grupo de orgânicos).

atividade rural, aos quais foram direcionadas questões tanto da produção

tradicional de grãos e leite como as que são relacionadas ao projeto de orgânicos.

2. AS TRANSFORMAÇÕES PERCEBIDAS NA COMUNIDADE RURAL DE LINHA ACRE

A partir de relatos orais dos moradores da comunidade rural de Linha Acre entrevistados durante o período de coleta de dados para a realização da pesquisa, foi possível constatar que se trata de uma comunidade que guarda na lembrança tempos de dificuldade, narrados³ pelos antepassados que migraram em busca de terras para o cultivo e lugar seguro para morar, e também tempos de pujança, devido à dinâmica da economia local. Contudo, na atualidade, percebe-se um misto de orgulho e de tristeza: orgulho pelo que já foram e que os capacitaria, portanto, para recuperar tal *status*; e tristeza por perceberem o esvaziamento da comunidade, principalmente em função da falta de interesse por parte dos mais jovens, que,

segundo os entrevistados, não percebem oportunidades no local.

Segundo os relatos de alguns moradores, na década de 1950, a comunidade tinha uma população estimada em 600 pessoas. Na igreja, eram rezadas missas todos os domingos. O salão de bailes era o segundo mais frequentado da região, perdendo somente para o salão de Cândido Godói, atual município ao qual pertence a comunidade. Conforme os moradores entrevistados, na década de 1960, a comunidade de Linha Acre (que então pertencia ao município de Giruá) havia sido cotada para ser emancipada e receber a paróquia, o que não aconteceu, remanescendo a casa canônica, que foi construída com o objetivo de atender às exigências para tornar a igreja de Linha Acre uma paróquia.

O sentimento de pujança manifestado pelos moradores no que se refere ao dinamismo dessa comunidade no passado pode ser exemplificado com os estabelecimentos comerciais que existiam

³ Tais narrativas dos antepassados devem ser compreendidas a partir dos ensinamentos de Pollak (1992) sobre os acontecimentos que são “vividos por tabela”. Segundo esse autor, “são acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201).

na Linha Acre desde a sua origem até a década de 1950.

Quadro 1 - Estabelecimentos comerciais na Linha Acre (1920-1950)

Estabelecimento	Proprietário/empreendedor	Década
Serraria	Germano Krein	1920
Marcenaria	Adão Carlos Dill	1920
Moinho	Alberto Matte	1920
Selaria	Herberto Bohn	1940
Olaria	Germano Krein	1940
Oficina	Balduino Dill	1940
Alfaiataria	Silvano Swertner	1940
Alfaiataria	Norberto Beck	1940
Gerador de energia – capacidade 10 residências	Alberto e Pedro Matte	1950
Gerador de energia – capacidade 4 residências	Balduino Dill	1950
Consultório odontológico	Aluisio Braun	1950

Fonte: dados retirados do documento “A Linha Acre conta sua história” (1998).

Além dos estabelecimentos citados no Quadro 1, durante as conversas que se deram em visitas realizadas às casas dos moradores idosos, foi mencionada a existência de casas de comércio denominadas “Bolíchos”, nas quais era oferecida uma grande variedade de mercadorias, até mesmo tecidos para confeccionar roupas. Como nem tudo o que as famílias produziam era consumido por elas, essas casas de comércio aceitavam os excedentes da produção em troca de itens que necessitavam, tais como: sal, açúcar, material de higiene, entre outros. Tal prática facilitava as transações comerciais para os moradores, pois o

deslocamento para localidades onde pudessem comprar seus produtos, como Santa Rosa, Giruá, Cerro Largo e Santo Ângelo, era de difícil acesso. Além disso, nos “Bolíchos”, os moradores podiam vender produtos, como a banha, e recebiam em dinheiro, o que permitia uma pequena circulação de moeda na localidade. Até a década de 1990, ainda existia uma casa comercial desse tipo, que pertencia à família Klein. Depois disso, não houve mais a abertura de nenhum empreendimento comercial voltado ao atendimento das necessidades de consumo diário dos moradores de Linha Acre, que são satisfeitas, nos dias atuais, somente

com o deslocamento para os centros urbanos próximos.

Durante o período de coleta de dados, foi possível constatar que a Linha Acre é vista de forma pejorativa por moradores do meio urbano⁴ e também por parte dos moradores da comunidade entrevistados, que apontam seu potencial desaparecimento. A comunidade possui, atualmente, uma população, estimada pelos moradores, de 240 pessoas, o que representa, mais ou menos, 60 famílias. A escola está inoperante desde 2002 e o comércio local se restringe a uma cooperativa que atende somente às demandas dos produtores rurais na compra de insumos e uma casa que trabalha com salgados e pizzas, que funciona no prédio da antiga escola. Na igreja, as missas são raras, acontecem apenas em datas comemorativas e, aos domingos, as práticas religiosas são realizadas graças à dedicação de um ministro da eucaristia, que realiza cultos e procura atender, na medida do possível, a outras demandas religiosas da comunidade. A antiga casa canônica serve como local para reuniões dos moradores, e o salão de bailes é usado para festas da própria comunidade.

⁴ As percepções dos moradores do meio urbano foram coletadas por meio de conversas informais.

É importante mencionar que, na comunidade pesquisada, foi constatada a existência de dois êxodos em pleno processo, protagonizados pelos jovens e pelos idosos, o que é assimilado pelos moradores como fator de preocupação com relação à continuidade da comunidade.

Conforme relatado pelo depoente tradicional/orgânico 2:

[...] há 40 anos, tinha mais de quase 400 famílias aqui na comunidade, era grande, e hoje praticamente nem chega a 60, e a tendência é de diminuir cada vez mais. Questões relacionadas às escolas não tem mais, igrejas daqui a dez anos vai ser inviável, a pessoa não tem mais, hoje não aparece mais povo pra ir à igreja. Se não surgir algo que vai reverter isso drasticamente em questão religiosa e econômica, as comunidades do interior vão desaparecer.

O sentimento dos entrevistados, em geral, é o de que a comunidade não esteja conseguindo gerar incentivos para a permanência dos jovens. Ao ingressarem na faculdade, eles vêm optando por cursos que apresentam maior probabilidade de sobrevivência no meio urbano, como licenciaturas e Direito. Com relação à saída dos idosos, foram apontadas razões como a busca por maior proximidade dos serviços de saúde, o convívio entre vizinhos, além do fato de se sentirem mais felizes com a possibilidade de frequentar bailes e demais atividades de entretenimento. Também há de se incluir, aqui, o fator renda, pois esses

idosos são, geralmente, casais com mais de 70 anos de idade e aposentados, o que lhes permite uma situação financeira que eles consideram estável, uma vez que, de acordo com os relatos de alguns entrevistados idosos⁵, o custo de vida em Cândido Godói é considerado baixo, pois é possível comprar itens que teriam maior peso no orçamento, como carne bovina e suína, por exemplo, de moradores do meio rural com preço bastante acessível ou até sem custo algum quando participam dos trabalhos de abate nas residências dos filhos.

A fim de melhor compreender as transformações percebidas na comunidade rural de Linha Acre, julga-se apropriado revisar, primeiramente, algumas interpretações teóricas que se debruçam sobre o entendimento do fenômeno associado ao “desaparecimento do rural”.

As mudanças no rural decorrentes do processo de modernização da agricultura, caracterizado pela integração entre indústria e agricultura, estão associadas à ideia de desaparecimento do rural⁶, que ocorreria pelo transbordamento do modo de vida urbano no meio rural.

⁵ Moradores que migraram para o centro da cidade do município de Cândido Godói (RS).

⁶ Ressaltando-se que a visão sobre o rural apresentada nessa discussão está relacionada à existência de tradições e costumes mais associados ao modo de vida camponês.

Com base em estudos e debates acadêmicos europeus, o que não lhe confere nenhum demérito, uma vez que os processos de urbanização e industrialização são fenômenos que ocorrem em nível mundial, guardadas, naturalmente, as especificidades e características de cada sociedade, Wanderley (2009) aponta a existência de duas correntes distintas que procuram explicar as transformações no meio rural na atualidade. A primeira percebe o total desaparecimento do modo de vida camponês no ambiente rural. Sob essa ótica, o camponês teria sido transformado em típico agricultor a serviço do capital.

Ao analisar essa perspectiva de desaparecimento do rural, Ferreira et al. (2007, p. 28) explicam que tal ideia compõe o quadro teórico do pensamento clássico das ciências sociais, que pressupõe a “hegemonia do industrialismo e da urbanização na civilização moderna”, trazendo implícita a associação de modernidade ao urbano e de atraso ao rural. O rural estaria passando por um processo de transformação devido à modernização da agricultura, que, ao introduzir o mundo rural numa nova lógica de relações interpessoais e comerciais, teria sido responsável por transformar seu modo de vida em algo mais parecido ao

urbano, ou o jeito de viver dos cidadãos, configurando o declínio do rural como conhecido tradicionalmente.

Tal processo seria decorrente da dinamização das forças produtivas impulsionadas pelo crescimento do capitalismo, que, ao introduzir suas estruturas de poder, altera não somente o sistema produtivo, mas as sociedades agrárias como um todo, que precisariam adaptar-se às novas dinâmicas para sobreviver enquanto unidades produtivas e geradoras de renda familiar. Assim, o modo de vida tradicional associado ao rural tenderia ao desaparecimento devido à incorporação de um estilo de vida mais parecido com o urbano, fruto das modificações trazidas pelos processos de concentração e centralização do capital, que estão em sintonia com a lógica de produção de excedente, lucro ou mais-valia, o que explica o uso de técnicas, insumos, máquinas, entre outros que visam à racionalização da produção e à consequente aceleração da produtividade (IANNI, 1996).

A segunda perspectiva apontada por Wanderley (2009), sobre a qual convém mencionar que o presente trabalho se alicerça, visualiza que os processos globais de urbanização, industrialização e modernização da agricultura não tornam o

espaço rural homogêneo, mas, ao contrário disso, são responsáveis por introduzir novos significados tanto nas relações familiares como na comunidade. Esses significados se fortalecem por meio de códigos de comportamento que identificam um modo de vida que, mesmo tendo que adaptar-se a novas dinâmicas, mantém sua essência, pois é nela que residem os laços de pertencimento desses grupos familiares.

Compreende-se, portanto, que as transformações pelas quais o meio rural vem passando não podem ser observadas sob o prisma da uniformização e da generalização, como se os efeitos da modernização fossem recebidos da mesma forma pelas diferentes composições sociais. Carneiro (2013, p. 53) chama a atenção para isso quando afirma que não se deve “falar em ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos”.

É a partir dessa linha de entendimento que concorda-se com Wanderley (2009) sobre sua interpretação a respeito da existência de um comportamento híbrido entre a categoria agricultores familiares no Brasil. Tal comportamento híbrido justificar-se-ia pela necessidade de esses agricultores terem que adotar uma postura de empresários

maximizadores de lucros ao mesmo tempo que guardam características que mais os assemelham ao campesinato.

Essas características são mais fáceis de serem assimiladas se forem associadas à denominação apresentada por Woortmann (1990), autor que, ao concentrar-se numa interpretação subjetiva, procura dar ênfase à produção cultural da família, referindo-se a essa categoria analítica não como camponeses, mas como *campesinidades*. Esse conceito, segundo Woortmann, pode ser melhor compreendido em situações com menor participação do que se entende por campesinato no sentido objetivo da palavra: “A campesinidade pode ser apreendida de forma mais clara, em alguns casos, justamente nas situações menos camponesas, de um ponto de vista objetivo” (WOORTMANN, 1990, p.13).

Por considerar-se que, na esteira da existência de fragmentos de um modo de vida mais associado ao campesinato, sejam encontradas sinalizações que possam ser identificadas como uma revitalização da vida comunitária, julga-se relevante apresentar situações do cotidiano das famílias e da comunidade pesquisada que demonstrem comportamentos, hábitos e costumes que os identificam tanto com o *homo economicus*, maximizador e preocupado com os resultados financeiros como qualquer empresário, como com o *homo moralis*, cujas características são percebidas na manutenção de elementos que podem ser associados ao modo de vida dos antepassados, o qual se faz perceber por meio da memória revivificada em diferentes formas no tempo presente.

3. COMPORTAMENTO HÍBRIDO OBSERVADO ENTRE OS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE LINHA ACRE

Durante o tempo de permanência na comunidade pesquisada, ao reconstruir-se a origem de Linha Acre por meio da memória dos moradores, um dos pontos que foi comentado e enaltecido por todos os entrevistados pertencentes ao grupo idosos esteve relacionado aos esforços empreendidos pelos antepassados em

trabalhos comunitários que objetivavam beneficiar a comunidade como um todo, configurando ações de ajuda mútua e reciprocidade. Foram citados exemplos como a construção da igreja e da escola, em que os membros da comunidade se revezavam para fazer o serviço, ajuda entre os vizinhos para os trabalhos de plantio e

colheita e até mesmo ajuda financeira para compra de máquinas, em que um vizinho emprestava dinheiro ao outro até chegar à quantia necessária.

Os mesmos depoentes, na sequência da fala, quando comparavam esse tipo de ações com os dias atuais, afirmaram que de forma alguma seria possível que isso acontecesse na comunidade atualmente devido ao fato de os moradores apresentarem comportamentos mais individualistas, que podem ser visualizados, segundo eles, pelo desinteresse pelas atividades da igreja e em demais ações desenvolvidas na comunidade de modo geral.

Todos os entrevistados, ao serem perguntados a respeito da participação da comunidade nas atividades da igreja, consideraram que houve uma redução drástica em comparação a como se dava o envolvimento das pessoas nessas atividades no passado.

O engajamento da comunidade em atividades festivas também foi relatado como algo que se perdeu ao longo do tempo. Para exemplificar, foi mencionada a *Kerbfest*, que, segundo a entrevistada produtora tradicional/orgânico 1, não pode mais sequer ser comparada a como era na sua infância:

Antigamente, os *Kerb* era uma festa de dias e juntava a família, vinham os parentes de longe. Sempre tinha baile né e fazíamos os *kerb* em casa. E eram duas noites de baile, era a 1ª noite e a 2ª noite de baile, e tinha o leilão da garrafa e algumas coisas assim era característico. Mas isso tudo se perdeu, em parte porque hoje tem programação demais. Naquele tempo, dois meses antes já começava os preparativos, as gurias preparando o vestido novo e todas essas coisas, vai ter baile! E hoje tem baile todo o fim de semana, dois, três por fim de semana, então não tem mais essa importância, parece que o povo, a ideologia do povo se tornou mais capitalista e não dão bola pra essas coisas e aí tem que fazer gasto, tem que preparar a comida pra outros e também, antigamente que se fazia o *kerb* tinha muita mão de obra, tinha bastante filhos em casa.

Além disso, alguns entrevistados fizeram referência à forma como os moradores se envolviam nos trabalhos relativos às festas da comunidade, em que eram delegadas tarefas como arrumar o salão, assar e servir o churrasco, vender bebidas, limpar, etc. Segundo o entrevistado tradicional/orgânico 3, atualmente, começaram a optar pela contratação de serviços terceirizados, o que talvez seja uma tendência para o futuro na comunidade, assim como já ocorre nas festas realizadas no centro da cidade, onde percebe-se gradativa expansão no segmento de serviços voltados às ocasiões festivas.

Apesar de relatarem situações que denotam atitudes mais individualistas, foi

possível constatar a presença de *campesinidades* nas relações da comunidade, percebidas tanto nas relações que envolvem entretenimento como em atividades produtivas. No primeiro caso, foi relatado que, nas festas das famílias realizadas no clube Bom Sucesso de Linha Acre, mantém-se como regra convidar quem convida, uma prática típica de reciprocidade que é preservada de geração em geração. Como relata o entrevistado tradicional/orgânico 2, “se alguém te convida para uma festa, tu tem que convidar também, nem que já comece a comprar as cervejas bem antes”.

Com relação às questões de ordem econômica abordadas na pesquisa, no que diz respeito especificamente à inserção de tecnologias no meio rural, tem-se como base que a revolução técnico-científica, interpretada por Santos (1996) como uma tentativa de artificializar a natureza, apresenta-se como um dos principais pontos que contribuem para a reflexão sobre mudanças de comportamento percebidas na comunidade.

Mesmo que a produção agrícola guarde peculiaridades que impeçam que o capital se aproprie totalmente da agricultura, pode-se afirmar que o uso dessas tecnologias trouxe mudanças que vão muito além do ambiente produtivo. Foi

possível constatar, nas entrevistas, que, aos poucos, os produtores foram adquirindo uma mentalidade que os aproxima de empresários maximizadores de lucro, que fazem planejamentos (mesmo sem nenhuma construção formal) e tornaram-se mais individualistas na condução da gestão de sua propriedade, procurando apoiar suas decisões com consultas via internet para obter informações sobre preços e tendências no cenário mundial de grãos que possam afetar a precificação local (o que contribui para a decisão de colocar, ou não, o produto no mercado), os preços de insumos, as previsões meteorológicas, entre outros.

A inserção de tecnologias nas atividades ligadas à propriedade rural é vista, de modo geral, como algo positivo. Esse é um sentimento ilustrado de forma bastante contundente pelo grupo de entrevistados com mais de 80 anos de idade que compararam como trabalhavam na lavoura quando eram jovens e como isso foi sendo modificado com a introdução das máquinas, conforme percebido em relatos como o da entrevistada idosa 5-grupo 3: “*Mea hann uns viel gequehlt mit die Orwett⁷ in die*

⁷ O termo *Orwett* (“trabalho”) é uma variante mais dialetal para *Arbeit*. A variante *Orwett* ocorre entre falantes do Hunsrückisch tipo Deitsch, e a variante *Arbeit* ocorre no repertório dos falantes do

Ross” (“Nós nos ‘judiávamos’ muito para trabalhar na roça”). O entrevistado idoso 2-grupo 3, por exemplo, contou como plantavam quando ainda não havia nenhum tipo de ferramenta. Segundo ele, plantavam fazendo buracos no chão para colocar as sementes usando um pedaço de pau. Essa forma de plantio só teria melhorado quando entrou uma ferramenta denominada pelos entrevistados como “plec plec”, cujo nome está associado ao som que a mesma emitia com os movimentos manuais para abrir e fechar o compartimento em que ficam armazenadas as sementes que eram liberadas ao solo.

Para o grupo de entrevistados classificados como produtores tradicionais, o uso de tecnologias na produção agrícola é fundamental para garantir e aumentar a rentabilidade com o incremento cada vez maior da escala produtiva. Além disso, também foi possível observar que, para o grupo mais jovem (entre esses produtores tradicionais), as inovações tecnológicas representam um dos aspectos que justificam sua permanência no meio rural. Segundo eles, isso se dá devido aos

hunsrückisch tipo Deutsch e também no alemão standard (Hochdeutsch). O que ocorre nessas variantes são processos fonológicos. O do alemão standard passa a ser <w> em dialeto (Ex.: über - iwer); e as vogais redondas, como <ü>, também ficam não arredondadas <i>, assim como o <a> passa a ser <o>, ocorrendo uma elevação vocálica.

desafios que aguçam sua curiosidade, despertando o interesse pelo constante aprendizado.

Na percepção do entrevistado tradicional 1, cuja principal atividade é a produção de leite, as tecnologias são fundamentais para a continuidade desse tipo de empreendimento: “Tipo assim, porque eu acho que a tecnologia é fundamental, porque quem não acompanha fica fora. Então, a tecnologia, hoje, é uma questão de sobrevivência na agricultura”. Para ele, no que se refere ao trabalho na leiteira, a introdução de tecnologias vem modificando muito a forma de produzir:

[...] como a tecnologia vai mudando, a gente vai se adequando. Quando a gente iniciou, tinha um tipo de resfriador que tinha água dentro se botava o taro dentro e depois foi mudando pra um resfriador onde você derrama o leite dentro, tipo assim, não tem água dentro ele resfria normalmente. E depois a ordenhadeira também era no tarro, hoje é canalizada, o leite vai direto pro resfriador. Então tudo isso diminui a mão de obra, mantém a qualidade do produto porque você não tem menos contato com ele, não se judia mais erguendo o taro que nem antigamente, hoje é tudo canalizado, só tem o serviço de manusear o equipamento. (TRADICIONAL 1).

A facilidade de manejo com menor desgaste físico é vista como uma das principais vantagens da inserção de tecnologias na produção de leite e é também considerada como uma das mais

importantes diferenças entre a forma como “os antigos” trabalhavam e como é na atualidade.

Além do que já foi apresentado, também foi mencionado que o uso de tecnologias na produção agrícola está sendo responsável pela geração de um sentimento de satisfação adicional em função das premiações com o gado leiteiro, alcançadas pelo melhoramento genético do plantel e também pela qualidade dos grãos.

Os depoimentos a respeito do incremento tecnológico na produtividade agrícola demonstraram a existência de significados que vão além das questões relacionadas ao aumento da renda desses produtores. O fator renda foi apontado reiteradamente como relevante, mas com a observação de que só faz sentido no conjunto de outros efeitos advindos com a globalização, vista como responsável por inserir signos do moderno no cotidiano desses atores e reduzir o espaço que separa o meio rural e o meio urbano.

Contudo, nas relações de trabalho entre os produtores de leite entrevistados, foi relatada uma prática de ajuda entre eles, denominada “troca dia”, que, segundo o entrevistado tradicional 1, “acontece bem fácil, troca horas de um ajudá o outro, não é muito de um cuidar as horas bem certinhas do outro, é bem amigável”. Ele

explica, ainda, que existe somente a troca de trabalho, sem jamais envolver dinheiro, e nenhum dos entrevistados relatou que alguma vez tenha havido algum tipo de problema. O entrevistado tradicional 2 dá mais detalhes de como funciona essa troca de serviços:

[...] isso, na verdade, é uma prática que o pai fazia há 20 anos, só que na época do pai era menos, porque tinha menos animais. Hoje a gente tem uns quatro que fazem parte. Por exemplo, a confecção da silagem no caso que é a alimentação do gado, daí o dia que fizer aqui, vem os outros três aqui me ajudar porque precisa trator, precisa mais carretão, etc. No outro dia, vai ser na propriedade de outro, aí eu ajudo. Todos lá fazem o giro. Se eu não fizesse isso tu imagina quanto maquinário mais eu precisaria ou teria que contratar pessoas, só que eu iria gastar um monte em valores. E assim eu tenho equipamento, tenho trator, tenho tudo, né, simplesmente eu presto serviço pra eles e daí eles me devolvem.

O exemplo da prática de “troca dia” entre os produtores de leite pode ser associado à interpretação de Woortmann (1990) sobre a presença de *campesinidades* em situações que, se observadas superficialmente, seriam seu contraditório, ou seja, seriam vistas como o lugar em que haveria a manifestação de uma racionalidade econômica voltada aos resultados com a atividade produtiva. Mas como pode ser constatado, concomitantemente ao comportamento maximizador, são desenvolvidos laços de

amizade com a permuta de horas de trabalho, enaltecendo valores de ajuda

mútua e reciprocidade transmitidos de geração em geração.

4. O (RE)DESPERTAR DA VIDA COMUNITÁRIA POR MEIO DA MEMÓRIA DOS ANTEPASSADOS

Por compreender-se que a vida em comunidade seja uma de suas principais fortalezas no que se refere à sua continuidade, despendeu-se esforços no sentido de tentar captar alguns sinais que denotem a existência de aspectos que possam ser interpretados como um (re)despertar do convívio entre os moradores da comunidade rural de Linha Acre.

Tais aspectos foram levantados observando-se o cotidiano dos entrevistados, tanto em ambiente familiar como coletivo, e por meio das narrativas que se deram por registros mnemônicos de suas histórias de vida. A memória desempenha, dessa forma, uma de suas mais belas e importantes funções, que é a de trazer o passado para o presente, colocando-se como uma força capaz de modificar o futuro.

Essa memória do cotidiano é melhor assimilada a partir do que Bosi (2013) denomina “microcomportamentos”, que não aparecem nos registros da história ensinada nas escolas, uma vez que essa se

fundamenta em documentos oficiais e não teria como captar as sutilezas que envolvem o comportamento presente nas aparentes repetições da vida cotidiana.

A memória presente no dia a dia das pessoas, famílias, comunidades, na vida em geral, tem a capacidade de demonstrar, a cada momento, quem nós somos. Ela (a memória) insere o passado no presente, e isso ocorre de forma imperceptível, pois estamos impregnados de passado em tudo que fazemos, sentimos e pensamos. A memória, ensina-nos Bosi (2013, p. 20), “parte do presente, de um presente ávido pelo passado”. Sendo assim, a essência da personalidade dos indivíduos é moldada por essa interação constante entre o passado e o presente.

Bergson (1999, p. 84) explica que o passado se mantém vivo no presente por meio de mecanismos motores e lembranças independentes, ou seja, duas maneiras de ativação mnemônica que permitem a constante interação entre o passado e o presente.

[...] a operação prática e consequentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual.

As interpretações de Bergson (1999) sobre a memória são analisadas por Bosi (2013) e servem como importantes referências para a compreensão das funcionalidades da memória e sua utilização no campo de observação e análise em pesquisas sociais.

Segundo a autora, os mecanismos motores estão associados a esquemas comportamentais guardados pelo corpo e que se manifestam automaticamente nas ações cotidianas – essa seria a “memória-hábito”. A outra forma de trazer o passado para o presente, independente dos hábitos, são “lembranças isoladas, singulares, que constituem autênticas ressurreições do passado” (BOSI, 2013, p. 38).

As duas formas de memória apontadas pelo pensamento bergsoniano remetem à distinção entre a vida que ainda é capaz de contemplar e suspirar ao som de uma melodia e a rotina da vida diária. Certamente, as duas se conectam o tempo todo, podendo haver sintonia e

afastamento, pois a aspereza do cotidiano poderá, muitas vezes, bloquear a liberdade do espírito em deixar-se levar por devaneios mnemônicos.

A forma como as horas são utilizadas para o resgate das lembranças também pode ser pensada em termos de “tempo biográfico”, que se materializa em construções mentais que engrandecem o espírito e tornam as horas luminosas e cheias de significados, enquanto as “horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários...” (BOSI, 2013, p. 24). Horas sem significação biográfica que invadem a vida das pessoas e as tornam cada vez mais endurecidas e distantes da aquisição do conhecimento sobre si mesmas, dos outros e do ambiente ao qual pertencem.

Numa pesquisa oral, o vazio que deriva dessas horas mortas pode ser interpretado no olhar distante que para no tempo em que a atenção não esteve presente. Como se, em determinados momentos da vida, o narrador procurasse por si mesmo, mas não conseguisse encontrar-se.

Os registros mnemônicos que serão lembrados e repassados às gerações futuras necessitam, contudo, de horas com significado biográfico, o que só é possível

se houver a presença de um olhar atento para compreender fenômenos infinitamente pequenos. Para Weil (1996), isso só é possível se houver entrega, ou seja, um sair de si mesmo.

A memória também está intrinsecamente ligada aos objetos materiais que estão presentes no ambiente em que os indivíduos vivem, não pela materialidade desses objetos, mas pela sensação de equilíbrio e tranquilidade que eles transmitem. Para Halbwachs (2006, p. 157), o apego aos objetos é explicado pelo fato de que neles está registrada “a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto”. Além desse sentimento de tranquilidade, os objetos têm a capacidade de recordar hábitos, costumes e tradições que ficam silenciosamente guardados neles, como “uma sociedade muda e imóvel” (HALBWACHS, 2006, p. 158).

É importante salientar que nem todos os objetos funcionam como registros mnemônicos. Bosi (2013) distingue duas categorias de objetos: os objetos biográficos e os objetos de *status*. Somente os objetos biográficos formam um elo

familiar com o passado. Os objetos biográficos, segundo a autora,

[...] envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (BOSI, 2013, p. 26).

Os objetos biográficos têm uma linguagem própria e resistem ao tempo. A sociedade de consumo, contudo, transforma os objetos em coisas que atendem a um momento ou a um modismo, desagregando a memória, o que se traduz em desenraizamento. Os objetos que atendem aos apelos do consumo são considerados objetos de *status*, pois não possuem vínculos com o passado.

A sociedade de massas estendeu e multiplicou esse fenômeno e, ao mesmo tempo, o dissipou e o desgastou, criando o objeto descartável. A sociedade de consumo é apenas mais rápida na produção, circulação e descarte dos objetos de *status*. E certamente menos requintada e mais pueril do que a burguesia francesa ou alemã do começo do século. Mas não mais cruel. (BOSI, 2013, p. 29).

Diante do que foi apresentado, pode-se associar essa memória do cotidiano, ou dos “microcomportamentos” que estão presentes em ações triviais do dia a dia e nos objetos biográficos, à noção de

enraizamento, cujo significado é apresentado a partir da compreensão de Weil (1996, p. 347):

[...] o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Para Frochtengarten (2005), um indivíduo enraizado é alguém preocupado em conservar as heranças do passado, que podem ser transmitidas de diferentes formas, como: pelos ensinamentos dos mais velhos; pela conservação da casa herdada pelos antepassados; pela prática de atividades de entretenimento, como o jogo de cartas, por exemplo; pelo hábito de sentar na área da casa para tomar chimarrão e comer os mesmos biscoitos que eram feitos pelas mulheres das gerações passadas; pela conservação de objetos antigos, entre outros. O mesmo autor complementa, ainda, dizendo que “a participação social do homem enraizado está assentada em meios onde recebe os princípios da vida moral, intelectual e espiritual que irão informar sua existência” (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 368).

Essa memória que se manifesta no cotidiano também pode ser melhor assimilada a partir das interpretações de

Candau (2016), autor que, de forma lúcida e clara, conduz à visualização da presença permanente da memória que é transmitida e incorporada entre as gerações sem que haja a necessidade de pensar-se sobre ela. Esta seria, conforme o autor, a memória-hábito ou protomemória, que está internalizada nas rotinas do seio familiar e comunitário como verdadeiras marcas que ficam gravadas em seu modo de vida e se traduzem na própria identidade desses indivíduos e grupos sociais.

Compreende-se, entretanto, que a análise que deve ser feita a partir da noção de enraizamento tenha como foco seu contraditório, o qual está relacionado tanto ao processo de desenraizamento percebido por imposições de poder como à ampliação dos ângulos de percepção que levem em conta as condições em que esse enraizamento se deu, o que está em sintonia com a ideia de *Ursprung* (retorno às origens).

Bosi (2013) compara o desenraizamento provocado pela conquista colonial que se dá pela anulação das tradições com a dominação econômica que destrói as raízes culturais ao impor novas formas de socialização, “tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra” (BOSI, 2013 176). No meio rural, esse desenraizamento aparece na forma de

inserção tecnológica, que, ao trazer para o campo novas formas de produzir, também invade a vida cotidiana, desenraizando indivíduos e comunidades de suas tradições.

Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos que o capitalismo encontra, ele os transforma em mercadoria para turismo, propaganda para a TV. Rebaixa esses valores a objetos de curiosidade do espectador urbano. [...] O capitalismo avançado consome e desagrega valores conquistados pela práxis coletiva. Não é capaz de inserir o passado no presente e muito menos de resguardar sonhos para o futuro. Esvaziando o trabalho de significação humana, ele esvazia o sentido das lembranças e aspirações. (BOSI, 2013, p. 186-187).

Pode-se concluir que o capitalismo usurpa as tradições da sociedade, transformando-as em coisas e, portanto, sem significado biográfico, e esse seria o risco de perder-se valores simbólicos elementares para a compreensão do modo de vida de indivíduos e grupos sociais. Essa é a linha de entendimento que se conecta com o pensamento de Nora (1993), autor que aborda com profundidade a problemática que envolve o esfacelamento da memória sob a égide do crescimento de um modo de vida dito moderno, que percebe o passado como algo retrógrado. Nesse sentido, a memória “torna-se residual aos locais” ou lugares onde possam restar, ainda, alguns resquícios do passado, construído em bases distintas das

atuais. Por isso, são relevantes para compreender ou assimilar um maior número de elementos que correspondam à completude dos indivíduos e da sociedade da qual fazem parte.

Para ilustrar, Nora (1993, p. 7) reflete sobre o ônus social representado pelo fim das estruturas familiares camponesas, que ele denomina como uma “coletividade-memória por excelência”. No entanto, esse seria somente um caso entre outros tantos que foram devastados pelos fenômenos da mundialização, democratização, massificação e da mediatização. Movimentos que, ao longo do tempo, teriam sido responsáveis pela destruição da memória, ou sociedades-memória, conforme descrito a seguir por Nora (1993) e que fazem parte do mesmo processo de desenraizamento mencionado por Bosi (2013).

Fim das sociedade-memória, com todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memória, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro, quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade. (NORA, 1993, p. 8).

É a partir desse contexto de desestruturação da memória que Nora (1993) defende a importância de recuperar os lugares depositários da memória. Para ele, esses lugares “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13). É sob essa perspectiva que foram buscados, na comunidade rural pesquisada, lugares depositários da memória dos antepassados, que, mesmo modificados, guardam “sementes” de um modo de vida em que é possível identificar certas *campesinidades*. Os lugares de manifestação dessa memória coletiva foram festas, bailes, jogos, trabalhos do Grupo do Lar e as atividades realizadas no grupo de produção orgânica.

Com relação às festas, a entrevistada idosa 6-grupo 1 relatou que as que ainda ocorrem na comunidade são de primeira eucaristia e bodas. As festas de bodas, devido à maior longevidade da população, têm sido até mesmo mais frequentes no município. Segundo ela, são mantidos costumes como o *Kränz* (círculo) e a “dança da vassoura”, descritos da seguinte forma:

[...] o *Kränz* é um círculo feito pelos convidados em que os “noivos” dançam no centro e vão sendo “cercados” pelos convidados, primeiro os familiares e depois os demais. É um momento de muita alegria e participação das pessoas. Isso era sempre feito nos casamentos e até em aniversários. A dança da vassoura normalmente é realizada quando os convidados começam a cansar. Quando a música começa, uma pessoa dança com a vassoura e, quando para, a música tem que correr para conseguir um par, bate três vezes com a vassoura no chão e quem sobra tem que pegar a vassoura e dançar com ela. Assim todos riem e se divertem.

A mesma entrevistada conta, ainda, que a organização dessas festas (tanto de bodas como de primeira eucaristia) vem mantendo-se de forma muito parecida como era no passado. É realizada uma celebração religiosa e, depois, os convidados seguem para o clube, onde sentam em cadeiras de palha, em mesas dispostas em formato retangular em torno da mesa principal e por ordem de parentesco (os que são da família ficam na mesa principal). No intervalo até o momento em que é servido o almoço ou a janta, são feitos os registros fotográficos numa espécie de cenário com um tecido colorido ao fundo e ornamentos de flores.

A construção da memória coletiva da localidade também pode ser observada em depoimentos sobre os bailes da terceira idade, os quais servem como verdadeiros

depositários das tradições e dos costumes das famílias descendentes de imigrantes alemães. A entrevistada idosa 5-grupo 3 disse sentir-se especialmente feliz com os bailes da terceira idade por já ter sido três vezes escolhida como “vovó simpatia”. A realização desses bailes também serve, segundo ela, como uma forma de aproximação entre comunidades vizinhas e até mesmo de localidades mais distantes, pois existe o compromisso de revezamento na realização desses bailes.

Os idosos também frisaram como algo relevante o fato de esses encontros festivos servirem como um espaço para, de certa forma, recordar e revivificar os bailes de *Kerb*, os quais, como já mencionado, não são mais realizados na comunidade.

Nos bailinhos dos velhos, estão novamente tocando músicas como o Herr Schmidt, que era muito dançado nos bailes de Kerb quando a minha irmã mais velha era moça, lá pelos anos de 1950. É uma dança rápida, mas que os velhos dançam mais devagar (risos), mas se sentem jovens de novo, é muito divertido, como se o tempo tivesse voltado para anos atrás. E ainda, como era antigamente, os músicos descem do palco tocando os instrumentos e se misturam com o povo para incentivar as pessoas a dançar. (Idosa 4-grupo 2).

Essa narrativa demonstra como a memória, constantemente, traz o passado para o presente e tem o papel de, ao mesmo tempo, revitalizar práticas e

costumes dos antepassados e conceber-lhes novos significados pela adaptabilidade necessária aos novos hábitos e costumes dos indivíduos.

Entre os entrevistados que ainda se encontram em atividade produtiva, foi comentado que a participação nos jogos de bolão é um dos aspectos positivos da vida social da comunidade e, segundo eles, faz com que haja permanente fortalecimento dos laços de amizade. Conforme o entrevistado tradicional/orgânico 1, “aqui na Linha Acre funcionam dois grupos de bolão, tem grupo de bolão feminino, que é a cada quatorze dias, e o bolão masculino, que o treino deles é toda quarta-feira de noite”. Também é interessante atentar para o fato de que essa atividade de entretenimento tem sua origem na Alemanha e foi um costume trazido pelos imigrantes alemães, sendo, portanto, transmitido entre as gerações. Nesse sentido, Neto (2007, p. 248) explica que:

[...] o jogo de bolão é de origem germânica e decorreu do costume de arremessar pedras em objetos diversos. Cada grupo joga numa noite e os nomes dos grupos denunciam a origem e a língua do colono. Somente as fortes chuvas ou as doenças impediam o agradável encontro de cada semana, para a grande maioria, constituía-se no único divertimento.

Os objetos também são depositários da memória dos antepassados e servem

como um dos elementos em que se pode observar como se dá a construção da memória coletiva da comunidade estudada. Como exemplo, pode-se usar os trabalhos em croché, uma vez que tais objetos compõem a decoração das casas de todos os entrevistados, seja em formato de pequenos guardanapos, tapetes, cortinas, entre outros.

Cabe lembrar que somente os objetos biográficos atendem a esse tipo de funcionalidade. É nesse sentido que as atividades do Grupo do Lar realizadas na Linha Acre podem ser consideradas como responsáveis pela transmissão de *saberes* dos antepassados por meio da troca desses *saberes* na realização de trabalhos manuais, que se configuram como representações de um modo de vida que resiste ao tempo. Pode-se afirmar que esses trabalhos em croché são objetos familiares aos atores por sempre terem feito parte da decoração tanto do ambiente doméstico como das outras famílias da comunidade.

O último aspecto observado na comunidade rural de Linha Acre que indica que essa localidade esteja recuperando paulatinamente suas relações comunitárias está ligado a efeitos que já podem ser percebidos com o projeto de produção orgânica, cujas ações iniciaram no dia 24/02/2015, ocasião em que foi constituído

o grupo de trabalho composto por 25 famílias.

No primeiro ano, o grupo foi incentivado a fazer hortas em casa com o objetivo principal, segundo os entrevistados, de melhorar a qualidade dos alimentos consumidos pela família sem que houvesse a expectativa de comercializar esses produtos, apenas para que servisse como uma alternativa de colocar produtos à mesa que fossem produzidos por eles mesmos e livres de produtos considerados nocivos à saúde.

A comida traz, aqui, um importante significado: ao mesmo tempo que a percepção do grupo sobre alimentação saudável está inserida num apelo do mundo contemporâneo para o consumo de alimentos com maior teor de pureza, também fala de memória. Isso pode ser visto pela maneira como os entrevistados enaltecem as formas com que os antepassados produziam sem uso de agrotóxicos, como pode ser observado na fala de uma das entrevistadas ao referir-se sobre as instruções que receberam para cuidar do pomar. Ela diz que, durante as reuniões, foram passados ensinamentos sobre técnicas naturais para o controle de pragas em árvores frutíferas:

[...] pra não estragar as frutas eles ensinaram a usar o melado. Fazemos uma pasta que não é veneno, é algo

natural, parecido como era feito pelo pai em casa. Aí a gente coloca isso nas árvores, abrimos um burquinho na garrafa pet, e daí o bichinho entra e não consegue sair. (Tradicional/orgânico 4).

É interessante observar, na fala da entrevistada, a referência feita à familiaridade dessa técnica com o que já conhecia “de casa”, demonstrando que a forma como os antepassados trabalhavam, antes do uso dos agrotóxicos, faz-se viva na memória desses indivíduos.

Em julho de 2016, em reunião realizada com os membros do grupo, foi escolhida uma área para a produção de experimentos coletiva, cujo compromisso seria cultivar espécies de frutas, legumes e hortaliças que eram produzidos no passado, mas que não são mais plantados, tais como: diferentes tipos de batata doce, melancia de porco, melão de neve, soja preta, arroz sequeiro, feijão, batatinha, entre outros. Alguns participantes mencionaram que tinham sementes em casa e poderiam fazer uma espécie de “banco de sementes” para essa área experimental. Para o trabalho, a partir de adesão livre, foram formados grupos aos quais diferentes tarefas foram designadas, estabelecendo-se que as mesmas seriam realizadas com uso de ferramentas “antigas”, como enxadas e o “plec plec”.

Desde então, conforme a entrevistada tradicional/orgânico 6, já plantou-se:

[...] soja preta, feijão de vários tipos, mandioca, pipoca, abóbora, batatinha, batata doce, amendoim, melancia de porco e melão de neve. Estes produtos são da comunidade e são feitas trocas também com outras comunidades. A troca acontece em dias de campo, com a visita de grupos de outras localidades, em forma de demonstrações para que aumente a variedade de produtos. Isto é feito via Emater, que busca sementes em outros municípios.

Depois do plantio das variedades mencionadas, a área foi usada para o plantio de cevada, o que, segundo o entrevistado tradicional/orgânico 3, também faz parte do resgate de culturas dos antepassados:

[...] agora, inclusive, foi plantado, por sugestão do pessoal da Emater, de forma manual, a cevada. Pra que depois o pessoal da comunidade possa ter um pouco de semente, porque aqui não se planta mais cevada. E antigamente eles usavam como ração animal e até para misturar na sopa. A cevada é usada para fabricar cerveja, então eles tão tentando resgatar isso. Mas foram meio mal agora na semeadura porque não nasceu direito, mas a ideia é recuperar o que se produzia antigamente, como também o arroz, inclusive resgatar variedade crioulas.

Além da produção de cevada na área experimental durante o ano de 2017, estão sendo desenvolvidas mais duas ações: o pomar e a horta de chás medicinais. Para o pomar, foi designada uma área localizada

ao lado da “casa canônica”, onde são realizadas as reuniões do grupo, conforme relatado pelo entrevistado tradicional/orgânico 1: “Nós temos aqui na comunidade um grupo para produção de comida ecológica, pra produzir com menos agrotóxicos e agora nós implantamos um pomar ali pra baixo da casa canônica dali de onde eram os pinhos”.

No pomar, foram plantadas macieiras, laranjeiras, bergamoteiras, videiras, pessegueiros, ameixeiras. Conforme uma das produtoras: “foi primeiro preparado o terreno, com adubo, calcário e depois, nas covas, adubo e esterco, alguns ficaram responsáveis para cuidar do pomar, como irrigar e cuidar das pragas. O técnico da Emater vem semanalmente fazer uma visita” (Tradicional/orgânico 5).

A ação voltada ao plantio de chás medicinais ainda não foi executada, mas, segundo os produtores, também traz, na essência, o desejo de valorizar a memória dos antepassados, pois têm o objetivo plantar variedades que eram conhecidas no passado e que não são mais cultivadas. De acordo com umas das entrevistadas: “Os chás ainda não foram plantados por falta de chuva, mas quando for plantado, toda a comunidade poderá usufruir, tanto como

das frutas também” (Tradicional/orgânico 2).

Mesmo sem a possibilidade de auferir renda extra, pelo menos a curto e médio prazos, os entrevistados reconhecem a importância de fazer parte desse grupo devido a um aspecto em especial: a revitalização de laços de sociabilidade entre os moradores de Linha Acre, o que se dá pelas práticas em comum na área experimental, a participação nos encontros, mas, principalmente, pelo incentivo à troca de produtos entre os vizinhos, conforme explicado pela entrevistada tradicional/orgânico 1:

[...] o que sobra pra mim eu dou pros outros e a gente se troca coisas, né? Por exemplo, se tu cultivou um bom tanto de ervilhas, aí tem um outro que cultivou menos ou nada disso e tem mais de uma coisa que não tenho, daí a gente troca esses produtos. E com as bananas é a mesma coisa. Isso também é um meio das pessoas se visitarem de novo, porque aí os vizinhos me visitam e eu visito eles, e daí eu levo pra eles e ficam feliz da vida quando eu levo abacate pra eles ou outras frutas que eles não têm. Assim funciona.

Conforme percebido nas entrevistas, para os produtores que fazem parte do projeto, o valor de uso desses produtos apresenta-se como mais relevante e, nele, estão inseridos significados que se conectam à memória individual e coletiva da comunidade. São valores associados a

um modo de vida que lhes remete a recordações ligadas à ingestão de alimentos considerados “saudáveis” e que (re)introduz mecanismos de ajuda mútua e reciprocidade entre os moradores. Segundo eles, isso vem permitindo que os

indivíduos, mesmo que de forma ainda incipiente, comecem a redinamizar laços de sociabilidade a partir das trocas de produtos cultivados e com a participação nos encontros do grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o tempo de convívio na comunidade rural de Linha Acre, foi possível compreender-se alguns pontos relacionados ao objetivo geral deste estudo, o qual esteve pautado na busca por elementos que denotem o (re)despertar da vida comunitária nessa localidade.

Como ponto de partida, julga-se apropriado fazer uma observação no que diz respeito à bagagem étnica da comunidade pesquisada. Entende-se que os atributos de etnicidade do grupo social pesquisado expliquem, pelo menos em parte, os significados atribuídos por esses atores às pessoas, consideradas um dos pontos positivos que compõem a imagem da comunidade pelos entrevistados.

Talvez uma das principais marcas relacionadas ao componente étnico da comunidade pesquisada esteja relacionada aos esforços que tais comunidades de imigrantes alemães tiveram de empreender para conseguir adquirir dinamismo próprio. É nesse sentido que a união entre os moradores, nas primeiras décadas de existência da Linha Acre, foi fundamental, uma vez que todos os empreendimentos existentes nessa localidade foram construídos e mantidos pelos moradores.

A memória dos antepassados presente no cotidiano das famílias e da comunidade apresenta-se como uma importante ferramenta para que esses atores consigam atribuir novos significados

ao território. Somente a memória é capaz de devolver a esperança ao olhar ao percorrer-se os caminhos familiares da infância e da juventude e, nesses preciosos momentos de recordar, deparar-se com

horas cheias de vida, repletas de sentido biográfico, portanto.

Tem-se presente que estudos voltados à valorização da memória dos atores sociais possam contribuir às pesquisas do desenvolvimento rural devido, principalmente, à abertura do espírito investigativo e analítico que a sociologia permite ao procurar captar sutilezas que se deixam transparecer nos

“microcomportamentos” dos atores envolvidos, percebidos em hábitos e costumes que, mesmo modificados, ainda guardam fragmentos do modo de vida dos antepassados. A memória coloca-se, dessa forma, como uma força contra a maré do capitalismo, que tenta “coisificar” tudo aquilo que se associa às tradições e aos costumes de comunidades rurais como a Linha Acre.

6. REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos).

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 3ª ed. 2013.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

FERREIRA, A. et al. Resistência e empoderamento no mundo rural. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 15, n. 1, p. 123-159, 2007.

FROCHTENGARTEN, F. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 367-376, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

NETO, H. **Regiões culturais: A construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. 328f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

NORA, P. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

WANDERLEY, M. **O Mundo Rural como um espaço de vida**: reflexões sobre

a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WOORTMANN, K. “Com parente não se ‘neguceia’. O campesinato como ordem moral”. **Anuário antropológico/87**. Brasília: Editora UnB, 1990.